

ANAIS DO
VIII SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*

A PROPRIEDADE RURAL

VOLUME III

LXVI
Coleção da *Revista de História*
Sob a direção do Professor
Eurípedes Simões de Paula



SÃO PAULO — BRASIL
1976

A CRISE DE JULHO NA REVOLUÇÃO
DOS CRAVOS.
(Uma história oral da Revolução Portuguesa) (*).

DAVID GUEIROS VIEIRA
Universidade de Brasília.

O Programa de História Oral da Universidade de Brasília assumiu o ambicioso encargo de elaborar uma documentação da Revolução Portuguesa. Esta decisão foi tomada em vista do fato de que, estando aquela Universidade em vias de montar um curso de pós-graduação em História, cobrindo as áreas de história política e diplomática, desejávamos comprovar a eficiência da metodologia e técnica da história oral como instrumento na elaboração de estudos de eventos políticos e diplomáticos hodiernos.

“Eventos hodiernos” é o termo que utilizamos para definir o que os anglosaxões chamam de *current events*. Este termo colocamos em justaposição à expressão “história contemporânea” que, por ser chamada *história*, compreende-se ser algo que já aconteceu, ainda que em um passado não longínquo, e para a qual existem provas documentais.

Documentos, em nosso entender, são não apenas aqueles depositados em cartórios e arquivos públicos, como também, entre outros, e não limitados a estes, cartas, jornais e mesmo memórias faladas e escritas dos que participaram de certos eventos em estudo. Os eventos hodiernos, no entanto, quando produzem documentos públicos, semelhantemente às notícias publicadas nos periódicos, estão sujeitos às paixões e, conseqüentemente, podem, no final de contas, ser mentiras absolutas, fabricadas para influenciar a opinião pública. Os documentos mais sérios e mais achegados à verdade, em geral, só aparecem depois que as paixões do momento esfriam ou morrem de todo.

(*) — Comunicação apresentada na 1ª Sessão de Estudos, Equipe D, no dia 2 de setembro de 1975 (*Nota da Redação*).

Em vista do acima exposto, o estudante dos eventos hodiernos, se de fato deseja chegar perto da verdade, deve busca-la ativamente, e não sujeitar-se a aceitar passivamente tudo aquilo de que toma conhecimento nos periódicos e na imprensa falada. Nessa busca da verdade, o estudante *sério* encontrará na história oral um dos seus melhores instrumentos, se tiver suficiente imaginação e bastante ceticismo para separar o trigo do jôio.

A história oral, com sua metodologia e técnica, produz documentos orais por meio de entrevistas calmas e de antemão bem preparadas. No entanto, esta metodologia e técnica sofrem forte modificação quando são aplicadas a eventos hodiernos de natureza apaixonante. A razão é que a história oral, no seu sentido “clássico” é mais adequada a programas que envolvem indivíduos já afastados da vida pública e que, por isso, presume-se não mais estejam sujeitos às paixões dos eventos dos quais participaram. Tais seriam os casos das entrevistas dos Presidentes Truman, Eisenhower e Johnson, bem como de estadistas como Gandhi, Churchill e de Gaulle, gravados por vários estudantes da história contemporânea.

Ora, ao estudar uma revolução em andamento, raramente o pesquisador terá a oportunidade de conduzir uma entrevista “calma e de antemão bem preparada”, como requer a técnica da História Oral. Portanto, o entrevistador é obrigado a lançar mão de uma dezena de expedientes e improvisações. Essas improvisações, como constatamos no caso de Portugal, são necessárias porque, em face de uma crise revolucionária, os melhores planos do entrevistador são quase sempre falhos.

Chegamos a Portugal no dia 6 de julho, dois dias depois da alegada tentativa de golpe de estado — o “4 de julho”, na terminologia revolucionária portuguesa. Trazíamos cartas de apresentação para pessoas de influência que, a seu turno, nos poderiam apresentar a pessoas-chaves na Revolução.

De fato, com apresentação do Prof. Henry H. Keith, da Universidade de Brasília ao Dr. José Blanco, Diretor Internacional da Fundação Calouste Gulbenkian, obtivemos cartas para os Generais Carlos Fabião e Othelo Saraiva de Carvalho, seus velhos companheiros de armas em África. Do historiador Joel Serrão obtivemos apresentação a vários revolucionários, entre os quais o Deputado José Manuel Marques do Carmo Mendes Tengarrinha, Chefe do MDP/CDE.

Do jovem historiador brasileiro, Rafael de Faria Domingues Moreira, que vive em Lisboa, obtivemos apresentação ao Dr. Mário Soares, Chefe do Partido Socialista, ao militante Arnaldo Matos, Chefe do

MRPP, e a Isabel do Carmo, Chefe do não menos militante PRP/BR e pressuposta mentora política do Gen. Othelo Saraiva.

Através da jovem brasileira, Regina Chulam, estudante de pós-graduação em História em Lisboa, conseguimos apresentação, entre outras, a Maria João Seixas Lopes, secretária particular do Major Victor Alves, por meio de quem esperávamos apresentação aos Majores Melo Antunes e Victor Crespo.

De todas essas apresentações apenas as de Mário Soares e Isabel do Carmo resultaram em entrevistas. Em face da agudização da crise política de julho, as personagens acima mencionadas encontravam-se em constantes reuniões de cúpula (de “cimeira”, como é dito em Portugal) que frequentemente duravam até às 5:55 e 6:00 horas da manhã, e portanto, não estavam disponíveis.

Diante disto, passamos a utilizar uma série de improvisações, tais como entrar de súbito nas sedes dos partidos, tanto da direita quanto da esquerda, solicitando entrevistas como quem lá estivesse. Desta maneira obtivemos entrevistas com Lino de Carvalho, membro da Comissão Política Nacional do MDP/CDE; com o arquiteto Nuno Teotónio Pereira, Diretor de Relações Internacionais do MES; com D. Maria José da Gama, Presidente da Comissão Socialista de Apóio aos Retornados de Angola; e com o Dr. Vasco da Gama Fernandes (P. S.), Presidente da Comissão dos Direitos do Homem e 1.º Vice-Presidente da Assembléia Constituinte. Chegamos até a obter promessa de entrevista com Mário Cunhal, Chefe do PCP, se lá ficássemos mais uma semana.

Outras entrevistas foram obtidas através dos acima citados amigos no Brasil e em Portugal. Entrevistamos, assim, o historiador Joel Serrão (MDP), Vice-Presidente do Instituto de Alta Cultural e Diretor da Fundação Gulbenkian, o historiador Jorge Borges Macedo (que se diz apolítico); o engenheiro Fernando de Albuquerque (PPD), Chefe de Gabinete do Ministro de Assuntos Sociais; o engenheiro Alexandre Bettencourt, membro da Comissão Política Nacional do PPD o Dr. Ribeiro Teles, Secretário do Meio-Ambiente e seu chefe de Gabinete, António Coimbra.

Em todas as entrevistas, o grande problema que encontramos foi o de diferenciar a “verdade revolucionária” da verdade histórica. Explicamos: como homens públicos e revolucionários, os entrevistados, em sua maioria, estavam presos à linha política de seus partidos e, por isso, não podiam enunciar conceitos diferentes da linha partidária. Curiosamente, a mais honesta das entrevistas políticas que tivemos foi a de Isabel do Carmo. Esta entrevista foi um verdadeiro *bouffée d'air*,

como diriam os franceses. Outrossim, poucos dos entrevistados iam compreender o que queria dizer história oral, exceto os dois historiadores. Na sua maioria, criam estar com um reporter e que suas palavras seriam depois publicadas em jornais ou revistas, de modo que, em geral, usaram de grande precaução. Ainda que houvesse tempo para convence-los de que, suas possíveis confidências seriam cuidadosamente arquivadas e nunca reveladas sem sua permissão, dificilmente aquiesceriam fazer tais revelações confidenciais a um perfeito estrangeiro, no meio de tão violenta luta política.

De certo modo, algumas atitudes íntimas, em alguns casos, nos foram reveladas através de “alfinetadas psicológicas” que conseguimos ministrar aos entrevistados. Em outros casos, o método utilizado foi mais aberto, menos sutil e talvez inadequado, embora tenha produzido resultados.

Alguns entrevistados desejavam enviar mensagens ao Brasil, como o historiador Joel Serrão, que solicitou dos brasileiros maior “compreensão” para o processo revolucionário português. Igualmente, Lino de Carvalho desejava que todos soubessem que sua organização está bem informada dos endereços em São Paulo, no Rio de Janeiro e em outras cidades, onde refugiados portugueses presumivelmente se reúnem para elaborar “planos contra-revolucionários”.

Em algumas ocasiões, ao desligarmos o gravador, o entrevistado, em amigável conversa, expressava pensamentos quase que opostos aos anteriormente veiculados.

Houve o caso de alguém que depois de haver mencionado que 25.000 profissionais já haviam fugido de Portugal, e que necessária se impunha uma lei proibindo tal imigração, ao ser desligado o gravador, passou a inquirir-nos acerca do mercado de trabalho no Brasil na sua especialidade o que nos pareceu forte indício de que também planejava um dia fugir...

A mais dramática dessas revelações entretanto, ocorreu na nossa curta entrevista com Mário Soares. Falava o líder socialista de sua luta em prol de um socialismo com liberdade, dentro de uma democracia de estilo ocidental. O entrevistador era o Autor, tendo como testemunha o historiador Rafael Moreira.

— *Entrevistador:* Dr. Soares, uma última pergunta: — Temos falado com muitos socialistas, alguns até ligados à chefia do Partido, e encontramos neles grande medo do futuro, muitos falando e fazendo planos de, em breve, emigrar para o Brasil ou países da

Europa. Se os socialistas abandonam assim o país, quem ficará aqui para lutar pela democracia?

— *Soares*: De fato, do ano passado até hoje, perdemos 25.000 técnicos que emigraram para o Brasil e Europa, por razões políticas. Esse é um tipo de gente que não podemos e não devemos perder, mas são os que tendem a fugir. Infelizmente, algumas pessoas têm a tendência de resolver seus problemas em bases pessoais e não em bases comunitárias...

Depois que o gravador foi desligado, o entrevistado perguntou de que Universidade eram os entrevistadores. Ao saber que um deles era da Universidade de Brasília, com expressão bem cansada e séria, e olhando para o chão, o Dr. Soares disse: “É, um desses dias talvez lhe bata à porta...”.

No dia seguinte chegava o Gen. Othelo Saraiva de Carvalho da sua visita a Cuba, e revelava, em entrevista televisionada, que durante toda aquela semana o MFA e o Conselho da Revolução tinham debatido a possibilidade de novo exílio para Mário Soares.

Todas as entrevistas acima mencionadas foram liberadas para publicação, o que faremos com comentários sobre as circunstâncias das mesmas, bem como dos eventos do dia ou da semana que poderiam ter influenciado as respostas. Esta futura publicação, a sair dentro de 3 ou 4 meses, terá o título do presente trabalho.

* *
*

INTERVENÇÕES.

Da Prof.^a *Ruth do Valle* (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Indaga:

“Em face dessa “instabilidade” política em que os entrevistados se contradizem entre a palavra oficial e a “oficiosa”, há possibilidade de se fazer História?”

*

Do Prof. *José Sebastião Witter* (Universidade de São Paulo).

Pergunta:

1. — “O autor não acha impossível fazer “História Oral” individualmente? Acho que a formação de equipes é fundamental.

2. — Sem entrar na discussão da “Teoria da História Oral”, não acha o autor temerário usar a máquina para analisar o homem?”

*

Da Prof.^a *Sônia de Azevedo Gonçalves* (Fundação Educacional Severino Sombra — Vassouras.RJ).

Indaga:

“Poderia o autor esclarecer a respeito da afirmativa “aplicabilidade da História Oral como metodologia auxiliar de ensino histórico em nível universitário”. Parece-me que há erros nesta frase.

Não existe nenhuma História Oral e sim o que se tratou aqui foi o valor de documentos gravados. A introdução do gravador na tecnologia moderna tanto por historiadores como por outras pessoas.

Como os próprios norte-americanos reconhecem que a expressão em inglês não é feliz, nós não deveríamos usar essa tradução porque ela é mais infeliz ainda. A tradução não está correta”.

*

Da Prof.^a *Queila Ferraz Monteiro*.

Pergunta:

“A História Oral seria uma interferência na História na medida em que a usa como montagem da fonte?”

* *

*

RESPOSTAS DO PROFESSOR DAVID GUEIROS VIEIRA.

À Prof.^a *Ruth do Valle*.

O historiador depara-se com este problema não apenas quando estuda eventos hodiernos. Ao ler qualquer documento, quer seja moderno ou antigo, o pesquisador deve sempre estar cômico de que o mesmo é apenas algo que os “vencedores” permitiram ficasse registrado. A verdade sobre os acontecimentos pode ser total ou parcialmente diferente do que está registrado.

Utilizando a técnica da História Oral, tem o pesquisador a vantagem das gravações das entrevistas dos personagens que investiga. Essas gravações podem ser estudadas por laboratórios especializados que, transformando o som da voz em sinais luminosos, podem claramente estabelecer se o indivíduo estava conscientemente dizendo uma mentira ou se, de fato, acreditava no que dizia.

*

Ao Prof. *José Sebastião Witter*.

Em primeiro lugar deve-se dizer que a técnica chamada “História Oral” é melhor aplicada por uma equipe. No entanto, torna-se tremendamente dispendiosa quando se trata de um estudo no exterior. Infelizmente, só havia verbas para uma pessoa viajar a Portugal. No entanto, cumpre ressaltar que este pesquisador foi grandemente auxiliado pelo historiador brasileiro Rafael Faria Domingues Moreira, que reside em Lisboa.

Em segundo lugar diríamos que, sem dúvida alguma, este tipo de equipamento eletrônico faz lembrar “1984”, de George Orwell. No entanto, não podemos negar que esta técnica da eletrônica moderna será de grande valia para o historiador, que poderá julgar, com certa exatidão, se o entrevistado estava, ou não, sendo sincero nas suas declarações.

*

À Prof.^a *Sônia de Azevedo Gonçalves*

Esta frase, se não me engano, foi utilizada no trabalho do Prof. George P. Browne. Creio que se refere ao programa de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, que oferece treino em metodologia e técnica de história oral, como parte do curso de metodologia e técnica da história.

Quanto à sua segunda observação, estou de pleno acordo. A tradução não é boa. No entanto, até agora ninguém encontrou termos mais apropriados. Se a professora tiver alguma sugestão, peço que a apresente. Teremos grande prazer em adotar, se for o caso, sua proposta ou tradução.

*

À Prof.^a *Queila Ferraz Monteiro*.

Muitos historiadores, por bem ou por mal, tem pessoalmente interferido no processo histórico. Por exemplo, o Professor Arthur M. Schlesinger Jr., membro do governo Kennedy, impressionado com sua própria intervenção nos eventos daquele período, já escreveu algo sobre o assunto. O Prof. Henry Kissinger, notório atuante na história hodierna, já comentou que está modificando seu conceito sobre atuação do indivíduo na história. Ainda mais, não esqueçamos que o historiador Karl Max, mais do que qualquer outro, influenciou e, indiretamente ainda está influenciando, o fluxo da civilização. Não sei de que maneira o historiador pode evitar que sua presença venha interferir nos eventos da história, ou mesmo se ele deve deliberadamente se omitir de todos os eventos. Creio que esta intromissão do historiador é algo que temos de aceitar, pois o mesmo também é humano e, como tal, é também um participante do processo histórico.